

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL-UFRGS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)**

CLAUDETE LOURDES BRANDALISE PEGORARO

**O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA
CRIANÇA DE 4 ANOS**

**TRÊS CACHOEIRAS
2º semestre
2010**

CLAUDETE LOURDES BRANDALISE PEGORARO

**O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA
CRIANÇA DE QUATRO ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientador(a):
Profa. Dra. Carmem Zeli de Vargas Gil**

**Tutor(a):
Alda Graciela Pereira**

**Três Cachoeiras
2º semestre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós Graduação: Prof. Valquiria Link Bassani

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho.

Dedico este trabalho à minha família, a todos os que me apoiaram e incentivaram, e que de alguma forma, contribuíram para que superasse as minhas limitações e concluísse o curso.

AGRADECIMENTOS

Nascer é um milagre... viver é um milagre cotidiano...

A Deus pela presença constante em me conceder sabedoria, saúde, força e coragem permitindo acreditar no sonho de construir um mundo melhor, mais fraterno, mais humano e mais igualitário.

Aos meus pais Elide Ana Colla Brandalise (In Memórian) e Eugênio Brandalise, pelos seus ensinamentos.

Ao meu esposo Adelfo, aos filhos Anna (colega) e Alcides, pela paciência, compreensão e apoio por terem aceitado se privar da minha companhia em muitos momentos e por me concederem esta oportunidade de concretizar mais este sonho.

À orientadora, professora Carmem Zeli de Vargas Gil, minha orientadora do TCC, pelo apoio, dedicação, paciência e contribuições durante a elaboração e para que pudesse concluir este trabalho.

À professora Nádie Christine Machado Spence, pelo carinho, dedicação e incentivo.

À professora e tutora Alda Graciela Pereira, que compartilhou comigo as angústias, dificuldades e conquistas durante o estágio e agora na construção do TCC pelo apoio e incentivo.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do Pólo de Três Cachoeiras pela oportunidade.

A todos os professores, coordenadores, tutores pelos saberes e experiências compartilhadas, nos auxiliando e acreditando em nossas capacidades.

À Mariza Cardoso, gerente do Pólo pelo carinho e dedicação.

Enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram comigo ao longo deste curso Licenciatura em Pedagogia à Distância para que a sua concretização fosse possível.

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.

[...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Paulo Freire, 2004)

O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DE QUATRO ANOS

RESUMO

Este trabalho tem como tema central “O lúdico no desenvolvimento e aprendizagem da criança de quatro anos”. Surgiu das aulas desenvolvidas na prática de Estágio, realizada numa Escola Municipal de Educação Infantil em Terra de Areia, com alunos do Jardim I, crianças de quatro anos, objetivando refletir sobre a prática pedagógica apoiada em atividades lúdicas. Como o lúdico contribui na aprendizagem e no desenvolvimento da criança de 4 anos, foi a questão desse estudo. Os referenciais teóricos contribuíram para ampliar a compreensão do lúdico como elemento fundamental na prática pedagógica com crianças, visto que os jogos e brincadeiras são possibilidades que a criança tem de vivenciar experiências relacionadas ao seu ambiente promovendo a interação social e, dessa forma, contribuindo no desenvolvimento integral da criança. É um estudo qualitativo que se baseou em pesquisa bibliográfica apoiada em algumas aulas registradas no relatório do estágio curricular postadas no ambiente virtual *pbworks*, juntamente com as contribuições das leituras de Piaget, Vygotsky e ideias apresentadas nos Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil, entre outros. O lúdico é importante na aprendizagem, porque favorece a participação ativa das crianças nos diferentes momentos vivenciados no ambiente escolar. Todavia, é fundamental a atuação do professor possibilitando que, através do lúdico, a criança se desenvolva, aprendendo conteúdos relacionados a sua faixa etária. Entendendo as características das crianças a partir da idade, é possível propor tarefas que sejam adequadas e dinâmicas, compreendendo que o faz de conta é o jeito de evidenciar seu desenvolvimento. Por fim, diria que esse estudo ajudou a compreender melhor a prática no Estágio e conhecer mais sobre o lúdico na Educação Infantil. Brincar como uma necessidade primordial que pode ser dirigida e livre no sentido da autonomia da criança, proposta a partir do que o professor deseja alcançar, compreendendo a criança como um ser singular.

Palavras - Chave: 1- Aprendizagem, 2 - Educação Infantil, 3 – Lúdico, 4 - Estágio Curricular

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O LÚDICO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE QUATRO ANOS	12
2.1 Entendendo a criança pré-operatória.....	12
2.2 Alterações sociais e culturais no modo de perceber e tratar a criança e a infância.....	17
2.3 O lúdico como possibilidade no ensino aprendizagem.....	23
3 BRINCAR E APRENDER: PRÁTICAS EDUCATIVAS COM CRIANÇAS DE QUATRO ANOS	26
3.1 A construção de brinquedos com materiais recicláveis.....	29
3.2 O faz de conta na aprendizagem.....	30
4 ÚLTIMAS PALAVRAS: AS MARCAS DO VIVIDO.....	34
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE.....	40

INTRODUÇÃO

O ser humano nasceu para descobrir, aprender e ir se apropriando dos conhecimentos, desde os mais simples aos mais complexos. Está sempre buscando por respostas que após serem respondidas provocarão mais questionamentos. Como diria Paulo Freire: “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital” (FREIRE, 1996, p. 50). Foi pensando em tornar cada momento da prática de estágio, neste caso para crianças de quatro anos, mais prazeroso e educativo, que este trabalho objetiva mostrar como o lúdico pode fazer da educação infantil um momento singular da aprendizagem nesta etapa do desenvolvimento em que a criança se encontra.

Como o ser humano é um ser social com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas, tem necessidade de estar próximo às pessoas garantindo sua sobrevivência e a integração social, interagindo, aprendendo, compreendendo, influenciando e sendo influenciado pelo meio em que está exposto. Desta interação resulta a educação. Daí, ocorre o que há de mais imprescindível na organização humana: o socializar-se como forma de ser “humano”.

As relações sociais, através do lúdico, ampliam as possibilidades das crianças, que conforme os Referenciais Curriculares Nacionais para esta etapa da educação, zero a seis anos de idade, é a um ser social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento da história, possui uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Logo, é uma etapa grandiosa da vida onde a aprendizagem pode dar-se nas trocas sociais com diferentes crianças e adultos, cujas percepções e compreensão da realidade também podem ser diversas.

A infância, por ser este período privilegiado da vida humana, é a idade das brincadeiras. Acredito que por meio delas a criança possa satisfazer suas necessidades, seus desejos e interesses, inserindo-se na realidade, aprendendo e desenvolvendo os sentidos e as etapas do seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social.

O lúdico, palavra que vem do latim “ludus” e significa jogo e que em sua origem está limitada ao entendimento do jogar, brincar e ao movimento espontâneo,

possibilita a relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a sua importância na formação da personalidade. Segundo Piaget (1967, p. 89) “O jogo não pode ser visto apenas como divertimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral”.

Portanto, as ideias de Piaget nos mostram que a construção da inteligência da criança se dá em etapas sucessivas, com complexidades crescentes, das mais simples as mais complexas, encadeando-se uma nas outras, implicando em construções contínuas de novas estruturas, a partir de exercícios e estímulos oferecidos pelo meio em que está inserida. Diante disso, as atividades lúdicas possibilitam reconstruir o significado do mundo que à cerca, sendo de fundamental importância para a construção de aprendizagens.

Partindo da experiência vivida com crianças de quatro anos em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Terra de Areia, em que estas relacionaram-se e expressaram seus conhecimentos, sentimentos, através de brincadeiras (como faz de conta, jogos, criando e recriando, assimilando o mundo a sua maneira), foi que a prática de estágio, motivou-me a refletir sobre questões relacionadas com a importância do lúdico na aprendizagem. Nas vivências com os alunos pude observar momentos que evidenciaram a necessidade de saber aproveitar o máximo possível desta fase, com predominância no período pré-operatório, caracterizado basicamente por exercícios sensório-motores, simbolismo, e assimilação.

Neste trabalho, a questão central é compreender como o lúdico contribui no desenvolvimento e aprendizagem da criança de quatro anos e refletir sobre a utilização de brincadeiras, de jogos e as interações da criança com o meio no processo pedagógico de aprendizagem, podendo os conteúdos serem trabalhados de forma lúdica na construção do conhecimento das crianças que estão iniciando sua escolarização através da educação infantil. O lúdico é, desta forma, o foco central deste trabalho voltado para sua colaboração no desenvolvimento e aprendizagem da criança de quatro anos.

O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da realidade à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu [...] “jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil.” (PIAGET, 1976, p. 160).

Para isso as contribuições de Piaget, Vygotsky, Paulo Freire e do documento RCNEI, entre outros, apresentam uma fundamentação teórica sobre a criança, com suas características, direitos, singularidades, como um ser humano pleno em desenvolvimento e formação, desta forma possibilitando a exercer sua cidadania de forma mais completa, no que diz respeito a seu desenvolvimento cognitivo nesta fase da vida.

Os dados deste trabalho foram organizados em uma pesquisa qualitativa, ou seja, apresentando estruturação na fundamentação para serem analisados posteriormente. Os dados foram obtidos de pesquisa teórica para serem após analisados na prática do estágio com a descrição de algumas aulas (registrados no relatório do estágio e no ambiente virtual pbworks).

Este trabalho foi organizado em capítulos que anunciam as ideias discutidas no estudo empreendido. O primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica, que está dividida em três partes: Características da criança na faixa etária de 4 anos; as concepções legais, a sociedade e o modo de perceber a criança dentro de um contexto histórico; o lúdico como forma de ensinar que traz a visão de autores sobre a prática lúdica. O segundo capítulo trata da prática, da mesma forma como do capítulo anterior, está relatado em duas subdivisões sendo elas: brincar e aprender, construção de brinquedos com materiais recicláveis; finalizando com uma abordagem do faz de conta na aprendizagem.

2 - A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE QUATRO ANOS

Este capítulo objetiva refletir e analisar as características da criança pré-operatória e a importância do lúdico na aprendizagem e desenvolvimento em geral, bem como o papel do educador como facilitador, mediador nas situações que contribuem para o desenvolvimento das estruturas cognitivas e afetivas na aprendizagem da criança.

2.1 Entendendo a criança pré-operatória

As consequências daquilo que se vive na infância podem ir além do que podemos perceber num primeiro contato com qualquer indivíduo. São experiências de diferentes origens que acompanham o ser durante todo o seu desenvolvimento e acabam repercutindo de forma direta ou indireta na formação do indivíduo, apoiadas nas suas vivências de criança.

Logo, é preciso conhecer a criança com a qual trabalhamos, perceber suas necessidades e ainda conseguir utilizar toda a riqueza desta fase para possibilitar o desenvolvimento eficaz em todo seu processo cognitivo.

Ao falar de desenvolvimento infantil citaremos Piaget e seus estudos sobre as fases do desenvolvimento. Este trabalho tem como foco a educação infantil, mais especificamente a criança de 4 anos, fase em que, segundo Piaget, a criança encontra-se no estágio pré-operacional, isso, é claro, não significa que não possamos perceber características de outras etapas, porém, há nessa fase aspectos marcantes podendo facilmente ser percebidos por um educador atento, que a partir deste conhecimento consegue compreender na criança aquilo que realmente ela necessita. Como anuncia o autor citado:

No sentido amplo, 'a representação confunde-se com o pensamento, isto é, com toda a inteligência que já não se apóia simplesmente nas percepções e movimentos (inteligência sensório-motora) e sim num sistema de conceitos ou esquemas mentais'. Esta é a representação conceptual ou simplesmente pensamento. No sentido estrito, a representação 'reduz-se à imagem mental ou à recordação-imagem, isto é, à evocação simbólica das realidades ausentes'. A expressão representação simbólica é usada para designar esta forma de pensamento que prolonga a imitação sensório-motora. (PIAGET, p. 88-8, 25).

Conforme podemos perceber na colocação acima a inteligência da criança é capaz de vivenciar novos conceitos, ou seja, ela vivencia uma experiência e consegue subtrair dela uma nova aprendizagem, retomando a experiência anterior.

Há também, segundo Piaget, outras características que devem ser percebidas.

As operações são definidas como ações interiorizadas, coordenações equilibradas. Piaget coloca fonte das operações as coordenações gerais das ações sensório-motoras; isso significa que elas não se constituem a partir da interiorização de simples ações gerais como reunir, ordenar, comparar... (PIAGET, 1997, 42).

Desta forma, há necessidade de o educador saber aproveitar o máximo possível desta fase, e é a partir de como se dará este aproveitamento que quero focar este trabalho, sendo que não há como falar de criança sem falar em ludicidade. Para Piaget, por exemplo, para que a criança possa ultrapassar o período pré-operatório além da necessidade de tomada de consciência há mais duas condições: descentração e socialização.

O lúdico possibilita a relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a sua importância na formação da personalidade. Para Piaget (1967) "O jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para gastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral".

A necessidade do brincar, como podemos perceber, vai muito além do passa tempo, ela é aqui parte fundamental deste desenvolvimento que ainda segundo Piaget vai alcançar seu objetivo quando esta criança é capaz de brincar de faz de conta, de explicar o fazer e expor seu próprio ponto de vista em relação a outras perspectivas. Eis aí a grande conquista da criança no pré-operatório.

A capacidade das crianças terem confiança em si próprias e o fato de sentirem-se aceitas, ouvidas, cuidadas e amadas oferecem segurança para a formação pessoal e social. A possibilidade de desde muito cedo efetuarem escolhas e assumirem pequenas responsabilidades favorece o desenvolvimento da auto-estima, essencial para que as crianças se sintam confiantes e felizes (RCNEI, 1998, p.11)

Logo, a escola de Educação Infantil, pode possibilitar este espaço de inserção das crianças, através das interações sociais, dos vínculos afetivos, que podem estabelecer com outras crianças, com adultos, apoiando-se em práticas pedagógicas, em direção a autonomia, considerando as crianças com vontade própria, capazes e competentes para construir conhecimentos de acordo com suas possibilidades e limites, interferir no meio em que vivem. Conforme podemos perceber na citação acima, referente ao Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, o desenvolvimento da auto-estima é algo que deve ser desenvolvido, também no cotidiano escolar.

Para Piaget (1967, p. 23). "... O conhecimento é construído durante a interação da criança com o mundo". Este cotidiano social vem juntamente com as características psicológicas (prontas desde o nascimento) influenciar diretamente no processo de aprendizagem da criança bem como sua ação sobre os objetos são partes desta interação. Há que se considerar a atividade lúdica como uma ferramenta integradora no desenvolvimento do conhecimento que vem permitir que a criança expresse e compreenda o mundo, logo é uma forma que contribui de maneira significativa para o desenvolvimento da cognição, da linguagem, da área motora e da área social da criança.

Outro autor que vem colaborar com a reflexão sobre o lúdico é Vygotsky. Para ele: "A criança avança essencialmente através da atividade lúdica. Somente neste sentido pode-se considerar o brincar como uma atividade condutora que determina a evolução da criança". (VYGOTSKY, 1984, p. 156)

Segundo Vygotsky, por meio de uma situação imaginária é possível construir regras, que por sua vez são desenvolvidas através do jogo, logo se criam também as regras de conduta que vão fazer parte desta formação da criança como ser social.

A brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal; que não é outra coisa se não a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver, de forma independente, um problema, e o

nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz (VYGOTSKY, 1984).

Quando a criança tem a oportunidade de brincar ela pode reproduzir situações do cotidiano, de lembrá-la e assim fazer surgir novas possibilidades de interpretações e de reorganização da sua realidade. Assim é importante ressaltar que a linguagem tem importante papel no desenvolvimento cognitivo da criança, pois sistematiza sua experiência e ainda colabora no desenvolvimento dos processos em andamento.

Essa capacidade que a criança cria ao elaborar nunca mais será desfeita, pois como podemos perceber, tanto para Piaget como para Vygotsky, o pensamento não é linear, logo podemos concluir que brincar é o mesmo que aprender, pois há assim a oportunidade do pensar, sem falar que estas atividades ajudam a superar o egocentrismo, bastante pertinente nesta fase, bem como a elaboração de novos conceitos de posse, de consumo, de amizade, do uso da agilidade motora, superação e desenvolvimento emocional. Brincar para a criança é sinônimo de viver!

O que deve ser levado em consideração pelo educador é quais os tipos de brincadeiras serão desenvolvidas de acordo com o que se quer trabalhar em classe. É possível, por exemplo, usar de atividades de interação para aumentar a confiança ou ainda a união e colaboração entre a turma. É, então, necessário que o educador sempre se auto-avalie procurando viver e questionar o tipo de brincadeira, para que está servindo, ou, ainda, o que se quer de tal atividade.

A imaginação é outro ponto relevante da ludicidade, pois se a criança é capaz de brincar de faz de conta, logo ela está desenvolvendo a fala, ela está atuando numa esfera cognitiva, criando uma situação imaginária para satisfazer suas necessidades, sem falar que todas as situações imaginárias têm regras ao passo que a criança procurará agir de forma parecida com o que observou como brincar de professor, por exemplo, ela procurará comportar-se de modo bastante próximo desta forma ela vai agir de forma superior ao que se encontra e novamente fará uso da zona proximal.

No brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário: “no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade” (VYGOTSKY, 1984, p. 117). Como se fosse um treino para ações ou situações futuras. É importante percebermos que essa fantasia vem

mais uma vez condicionar a criança a uma nova zona de desenvolvimento proximal que por sua vez também será um treinamento. Logo, temos aí um ciclo de aprendizagem baseado no brincar, no lúdico.

Outro ponto importante de Vygotsky (1984) é sobre as funções do desenvolvimento e a complexidade da interação entre o social determinando o individual, mas que há uma modificação mutuamente. Assim também para Vygotsky ocorre uma relação professor-aluno onde ambos se afetam sendo importante refletir sobre as dificuldades de entendimento de alguns alunos em relação a explicações, conceitos. Conforme Vygotsky “o sujeito se cria assim mesmo nas relações sociais,” podemos observar que a criança não está pronta quando nasce e nem tão pouco pode ser reduzida a um reflexo passivo do meio, mas que existe uma interação social entre ambos e a partir desta vai ocorrendo o desenvolvimento e a aprendizagem. Daí a importância do papel do professor de conhecer a criança e agir com esta, pois desde idade tenra as crianças estão nas creches, nas escolas de educação infantil devido ao modelo social e a necessidade dos pais deixarem seus filhos nestas escolas para poderem trabalhar e terem a certeza de que ali vão receber o que necessitam. Para Vygotsky:

(...) o estado do desenvolvimento mental de uma criança só é determinado se forem conhecidos o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal, o nível de desenvolvimento real é o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabelecem como resultados já completados. (VYGOTSKY, 1998, p. 11).

A aprendizagem dá-se através do equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, resultando em adaptação. Segundo esta formulação, o ser humano assimila os dados que obtém do exterior. Como já tem uma estrutura mental que não está “vazia”, precisa adaptar esses dados à estrutura mental já existente. Uma vez que os dados são adaptados, dá-se a acomodação. Para Piaget, o homem é o ser mais adaptável do mundo. Este esquema revela que nenhum conhecimento nos chega do exterior sem que sofra alguma alteração pela nossa parte. Ou seja, tudo o que aprendemos é influenciado por aquilo que já tínhamos aprendido.

De acordo com as abordagens teóricas de Piaget e Vygotsky, suas concepções sobre a construção do conhecimento, tendo como foco entender a cognição e como se dá o desenvolvimento e aprendizagem, precisamos considerar a criança com suas especificidades e seu processo de desenvolvimento, como a

criança pensa e sente no momento em que está vivendo, não impondo nossas verdades sobre a realidade, pois de acordo com Piaget as estruturas cognitivas se constroem a partir da ação com o mundo que a cerca, através dos questionamentos, das experiências, de forma prática vai elaborando seus conceitos.

Logo, deve-se considerar o estágio de desenvolvimento cognitivo alcançado pela criança. É fundamental que o professor tenha compreensão e consiga verificar em que fase do desenvolvimento cognitivo a criança se encontra, sendo que, para Piaget, existem etapas e essas ocorrem de forma hierárquica. É o “caráter interativo” segundo o qual “as estruturas construídas numa idade dada se tornam parte integrante das estruturas as idades seguintes” Piaget (1983, p. 236).

Assim sendo, a partir do nascimento inicia-se o desenvolvimento cognitivo e todas as construções que servirão de base para outras, no entanto este pode variar de uma criança para outra, assim como o meio social também exerce influencia na sucessão dos estágios, daí a importância de reconhecer o estágio em que a criança se encontra, pois este é singular de cada indivíduo. Para Piaget:

A cima de tudo a maturação não explica tudo, porque a idade média na qual este estágio [sensório-motor] aparece (idade cronológica média) varia grandemente de uma pessoa para outra sociedade. O ordenamento desses estágios é constante e tem sido encontrado em todas as sociedades estruturadas (PIAGET, 1972c).

Quanto mais se constroem estruturas de assimilação mais possibilidades para aprender. Os novos elementos a serem assimilados produzem novos conhecimentos assimilados e conseqüentemente a acomodação e assim a continuidade do processo da construção de novas aprendizagens.

2.2 Alterações sociais e culturais no modo de perceber e tratar a criança - infância

A Constituição Brasileira de 1988, em seu Art. 6.º, afirma que a educação é um direito social, o que significa que todos os cidadãos têm direito a educação, que deve ser prestada pelo Estado de acordo com o que prescreve a Constituição nos artigos 205 a 214, que tratam da educação no contexto da ordem social.

O inciso IV do art. 208 prevê como dever do Estado garantir atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade, cabe destacar que pela primeira vez, na história constitucional brasileira, a criança tem direito a tratamento de cidadania.

O Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe em seu título 1 sobre a definição de criança e do adolescente dizendo que considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos incompletos (art. 2º). Devemos também observar que a criança goza de direitos fundamentais inerentes a pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral deste estatuto, sendo asseguradas também em seu art. 3º todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Esses direitos, por sua vez, são dever de vários âmbitos da sociedade, deixando a lei, bem claro, no seu art. 4º que é dever de todos os ramos sociais (família, sociedade, poder público) assegurar a efetivação dos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Há também que se levar em consideração que o Estatuto da Criança e Adolescente entende em seu art. 6º que a criança e o adolescente estão em condições como pessoas em desenvolvimento. Porém, não há como pensar na Educação Infantil e em sua abordagem legal sem considerar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394/96, art. 2º que nos mostra:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ainda em relação à Educação Infantil, como norteadora das práticas pedagógicas no art. 29 a LDB, coloca a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Bem como em seu art. 30 mostra como a educação será oferecida em creches e em pré-escolas.

O art. 31 mostra como se dará o acompanhamento desta etapa educacional, “Na educação Infantil a avaliação far-se-á mediante o acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

O Plano Nacional de Educação (PNE), que em consonância com os princípios da Educação para todos, também estabelece metas relevantes de expansão e de melhoria da qualidade da educação infantil, tem como objetivo concretizar as metas estabelecidas no PNE e incentivar Estados e municípios a elaborarem seus planos locais de educação, contemplando neles a educação infantil ressaltando assim a importância destinada à infância na sociedade atual. É importante percebermos que é nessa idade, precisamente, que os estímulos educativos têm maior poder de influência sobre a formação da personalidade da criança e de um tempo que não pode estar mal orientado.

Desta forma, é indispensável, que haja reflexão e aprofundamento sobre a importância da educação infantil e de suas propostas pedagógicas, nesta fase de desenvolvimento da criança. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”.

O documento traz ainda que:

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina, etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998, p. 22).

A noção de “ser criança” nem sempre foi como é hoje. No período anterior a Idade Moderna a criança não era percebida, permanecendo no anonimato até os fins do século XII, quando a criança era representada por pintores sob a forma de um adulto em miniatura. Assim a infância era ignorada e considerada por todos um período de transição.

Segundo Philippe Áries:

Contudo, um sentimento superficial da criança – a que chamei de “paparicação” – “era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar isolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ÁRIES, 1981, p. 10).

Para Áries o surgimento de um conceito de infância se dá a partir do século XVI e a partir do século XVII ela passa a ser reconhecida como uma etapa distinta e com características próprias do desenvolvimento humano. Passa a ter um mundo próprio separado do mundo adulto. Inicia-se a discriminação entre o adulto e a criança, perdendo aos poucos as ideias de que eram apenas adultos que ainda não haviam crescido, há também um conjunto de categorias para discutir a respeito da ‘infância’, como as de descobertas, invenção, conceito, natureza, sensibilidade e sentimento.

Áries explica que, historicamente, esta passagem da indiferença ou ignorância ou também a centralidade da infância se dá através de dois fatores: a escolarização da criança e a criação da família conjugal burguesa como lugar de afeição.

A infância como estrutura social e como condição psicológica, surgiu por volta do século XVII. Durante todo século XVI a categoria de idade privilegiada é a juventude, da qual começa a desgarrar no século XVIII uma primeira infância: o bambino ou menino pequeno, uma espécie de brinquedo divertido e agradável para os membros das classes altas. No mesmo século infância e adolescência separaram-se definitivamente e já no século XIX o bebê aparece como uma nova figura.

Logo surgiram as instituições escolares (espaço específico e destinado a educação das crianças e jovens). A escola torna-se portadora da tarefa de formação dos homens para a sociedade, sendo responsável pelos aperfeiçoamentos físicos, moral e intelectual da criança. Dentro do processo histórico da institucionalização da escola pública, esta era um instrumento para manutenção da dominação. Em meio a esse processo histórico a escola sempre foi tida como instrumento das classes dominantes e a partir do século XVIII surgiram as primeiras escolas públicas mantidas pelo Estado.

Mediante as práticas dessas escolas, envolvendo questões políticas, econômica, sociais, culturais, articulando determinados interesses e desarticulando outros, também criam-se múltiplas técnicas disciplinares que pretendiam institucionalizar uma instrução adequada aos alunos, valorizando o culto ao bom hábito por meio da domesticação do corpo e do espírito do indivíduo. Trata-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX. Para Áries:

(...) A família começou a se organizar em torno da criança e lhe dar uma tal importância que a criança saiu do seu antigo anonimato que se tornou impossível perde-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes e que se tornou necessário limitar o número para melhor cuidar dela. (ÁRIES, 1981, p. 12).

É de extrema importância nos darmos conta destas transformações para compreendermos a dimensão que a infância ocupa atualmente. Conforme Bujes:

Este percurso, esta história, por outro lado, só é possível por que também se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância do que foi dada ao momento específico da infância (BUJES, 2001, p. 13)

O Referencial Curricular para Educação Infantil (Brasília, 1998) vem afirmar que “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”. Sendo assim, durante o processo de construção do conhecimento, “as crianças se utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideais e hipóteses originais sobre aquilo que procuram descobrir”. Este conhecimento constituído pelas crianças é fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

Cabe ressaltar que os programas e políticas públicas criados para assistir a infância e os avanços sobre a evolução do conceito da infância não estão bem claros quanto ao tratamento sobre a qualidade da educação oferecida para estas crianças dentro das creches e pré-escolas, visto que a origem das mesmas tinha por objetivo atender somente a população vista como carente o que significou em muitas situações atuar de forma assistencialista para sanar as supostas faltas e carências das crianças em suas famílias. Portanto, percebe-se a necessidade de se refletir

sobre as práticas pedagógicas e sua efetivação nas escolas dado as crianças atualmente. Sobre isso os Parâmetros apresentam que:

Modificar esta concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre as classes sociais as responsabilidades da sociedade e o papel do estado diante das crianças pequenas (Referencial Curricular Nacional para Educação infantil, 1998, p. 17).

Cabe ao Estado a obrigação de assegurar a liberdade de aprender e de ensinar a todos, assim sendo, na prática significa garantir a todos os direitos a educação. Consta também que o direito a educação, tem como inspiração o valor da igualdade entre as pessoas e que cada criança deve gozar dos direitos humanos fundamentais, incluindo, em especial, o acesso à educação gratuita.

O desenvolvimento da personalidade das crianças e dos jovens em ordem à formação de homens livres e responsáveis, precisa de um padrão para que haja um processo de integração na sociedade. Além da família que é a base desta formação destaca-se também a escola que é a instituição especializada em realizar uma parte da função educativa destes indivíduos.

Hoje há um novo cenário com uma grande difusão de novas tecnologias de informação, hábitos de consumismo, valores um pouco diferenciados. Para algumas crianças as brincadeiras não são mais as mesmas brincadeiras de casinha, polícia e ladrão, esconde-esconde, subir em árvore, pula corda, brincar na terra, andar de bicicleta, é como se atualmente o brinquedo brincasse pela criança, não exigindo mais a imaginação necessária.

A ideia de diversão e a maneira como as crianças se divertem está alterada devido ao surgimento das tecnologias. Ultimamente a diversão das crianças está sendo os vídeos games, televisão, os que possuem computadores passam horas em frente ao mesmo. Porém, é necessário que haja um equilíbrio para que estas crianças não se tornem escravos destes recursos. O consumismo é algo bem notável também, sendo que a mídia colabora para que estas gerações sejam cada vez mais consumistas.

2.3 O lúdico como possibilidade no ensino aprendizagem

As instituições de educação infantil, em suas rotinas e práticas pedagógicas, têm possibilidade de se organizar de forma a favorecer e valorizar a autonomia da criança, planejando atividades lúdicas variadas e motivadoras, disponibilizando espaços e materiais necessários, permitindo o desenvolvimento de suas potencialidades, proporcionando condições adequadas ao seu desenvolvimento físico, motor, emocional, cognitivo e social, levando-a assim, a construir aprendizagens significativas através da exploração e interação com o meio.

É, sobretudo, através das atividades lúdicas, que vivenciam a experiência, associadas a ação, prazer, ao pensamento e sentimento, onde a criança passa a estar imersa num ambiente desafiador, podendo se expressar, modificar a realidade de acordo com os seus interesses e necessidades, assimilando e construindo conhecimentos que contribuam também para a formação de sua identidade.

Viver ludicamente significa uma forma de intervenção no mundo, indica que não apenas estamos inseridos no mundo, mas, sobretudo, que fazemos parte dele. Logo, conhecimento, prática e reflexão são mobilizadas nas atividades lúdicas.

Negrine (2000) afirma que a ludicidade, antes de qualquer coisa, é um estado de espírito e um saber que progressivamente vai se instalando na conduta do ser devido ao seu modo de vida, oferece uma dimensão humana que evoca a liberdade e espontaneidade de ação, são atividades descontraídas e desobrigadas de toda e qualquer intencionalidade ou vontade alheia.

Freinet (1998, p. 304) denomina de “Práticas Lúdicas Fundamentais” não o exercício específico de alguma atividade, mas um estado de viver, de bem-estar que atinge a zona superior do nosso ser e só pode ser comparada a impressão que temos por uns instantes de participar de uma ordem superior cuja potência sobre-humana nos ilumina.

Este estado de bem estar a que Freinet se refere atinge pontos muito mais amplos ao tempo que nos faz explorar, descobrir potências muito mais íntimas, o que por sua vez ocasionará a expansão para o plano social, uma vivência inesgotável da dimensão lúdica.

O que ocorre é uma vivência plena em que nos envolvemos por inteiro de modo flexível e saudável em atividades que podem ser uma brincadeira, um jogo, uma dinâmica, ciranda. Mais importante que atividade é a forma como está sendo orientada, dirigida, objetivada, sendo a ludicidade aqui é muito mais uma atitude lúdica do educador e do aluno. Porém, para assumir essa atitude lúdica é preciso sentimento e afetividade, sendo necessário que o professor renuncie a centralização e que o aluno tenha uma postura ativa nas situações de ensino

Bettelheim (1987, p. 142) diz que “Através de uma brincadeira de criança podemos compreender como ela vê e constrói o mundo” É possível percebermos o fundamento do pensamento de Bettlheim também nas situações cotidianas dos adultos que usam o modo de brincar para falar algo sério sem ofender. É importante percebermos que durante as brincadeiras é que as pessoas se sentem mais a vontade e agem de forma mais natural, sem o cuidado em suas ações. Com as crianças - que é claro, não possuem as mesmas regras sociais introduzidas em nós adultos – o ato de brincar produz um efeito bem parecido, já que faz com que a criança aja de forma automática, integradora. São essas situações que nos lembramos com mais ênfase para fazer um paralelo entre o adulto e a criança percebendo que as emoções fazem muita diferença no aprendizado e na história de vida de cada um.

“Pela brincadeira ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras” (Bettelheim, 1987, p. 142). Primeiramente as crianças entram na brincadeira porque ela é agradável em si. Isso é tão óbvio que parece desnecessário mencionar, no entanto, o prazer derivado da capacidade de dar certo à brincadeira, é um dos mais puros e mais importantes.

É claro que a criança não percebe quando está envolvida na euforia da brincadeira, conforme Bettelheim é o que faz gostar de ficar feliz ao brincar, mas não é difícil perceber esta satisfação no cotidiano da criança, por exemplo, percebemos uma criança dizer “olha o que eu consigo fazer” é o que Pavlov chama de alegria muscular, e é claro que toda essa exuberância traz uma sensação boa de forma que a criança é um ser que não consegue ficar quieto, não pode e não deve.

Bettelheim (1987, p. 146) diz que “É a ferramenta mais importante para se preparar para o futuro e suas tarefas” Após a descoberta desta satisfação ao brincar a criança começa a perceber que brincar com os colegas é ainda mais gratificante, traz a interação social, relacionar-se ao grupo pode ser ainda melhor, e

posteriormente virá a necessidade de confirmação “viu como ficou bonito o meu desenho, né?!”.

Todo esse processo resulta em crescimento, onde a brincadeira acaba por sua vez construindo e reconstruindo conceitos, afinal brincar é também ensinar. “Através das suas fantasias imaginativas e das brincadeiras, a criança pode começar a compreender até certo ponto as pressões que sofre na vida e as que se originam em seu inconsciente.” (BETTELHEIM, 1987, p, 150).

Neste aspecto é importante que a criança perceba a diferença entre brincadeira e fantasia, pois é na fantasia que a criança começa a perceber a diferença entre o real e o imaginário e principalmente o que pode ou não, em relação a seus limites, e ainda é entre a fantasia e a brincadeira que a criança percebe o que pode colocar em prática e aquilo que é brincadeira. A criança percebe que o real limita, é como brincar de rei e os amiguinhos não quererem ser os súditos.

O Lúdico é capaz de desenvolver a criança em diversos aspectos, pontos indispensáveis à saúde física, intelectual e emocional. A brincadeira, se bem orientada, também proporciona e desenvolve a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a auto-estima, tudo isso implica em um cidadão capaz de enfrentar desafios e participar na construção de um mundo melhor.

As atividades lúdicas, segundo Caillois, abrangem atividades despreziosas, descontraídas e desafiadoras de toda e qualquer espécie de intencionalidade ou de vontade alheia a essa despreensão, o que não significa falta de intenção ou de planejamento, que segundo Caillois permite que o sujeito se entregue a atividade despreocupadamente.

Segundo Fortuna (1994), uma aula ludicamente inspirada não é, necessariamente, aquela que ensina conteúdo com jogos, mas aquela em que as características do brincar estão presentes, influenciando no modo de ensinar do professor, na seleção de conteúdos, no papel do aluno. É reconhecer que o aluno tenha uma postura ativa em relação ao que lhe é proporcionado. O aluno está aberto a novos possíveis, ou seja, situa o professor e o aluno como sujeitos do processo pedagógico.

Logo, podemos concluir que o lúdico se manifesta na aula não só por jogos ou brincadeiras. O que traz ludicidade é muito mais uma atitude do educador e do aluno, não é só uma mudança cognitiva, mas também afetiva.

3 BRINCAR E APRENDER: PRÁTICA EDUCATIVA COM CRIANÇAS DE QUATRO ANOS

Este trabalho de conclusão é fundamentado teoricamente levando em consideração algumas ideias que nortearam minha prática de estágio. Práticas essas que estiveram sempre voltadas para uma melhor aprendizagem, integração, desenvolvimento e participação das crianças como um grupo, levando em consideração o conhecimento prévio e a vivência social de cada aluno.

Percebe-se que a forma lúdica de ensinar consegue envolver de forma abrangente a turma de educação infantil, de modo que foi evidente a ideia de que os alunos sempre pediam que se repetisse ou fizéssemos novas brincadeiras que mexiam com seus sentimentos, que fossem elas emocionantes, desafiadoras, e prazerosas. E assim o que envolvia os alunos também era o que se tornava inesquecível para eles, portanto a cada dia demonstravam interesse, disponibilidade e prontidão para juntos construirmos aprendizagens novas e significativas.

Desenvolver atividades lúdicas como fio condutor através de brincadeiras e jogos, contribui para integrar o conhecimento com as práticas das crianças. O jogar, o brincar, movimentar-se são ações indispensáveis no ato de aprender e ensinar. Nesta fase em que as crianças se encontravam, esta abordagem torna-se ainda mais significativa, pois é com essa vivência que se desenvolvem vínculos afetivos fundamentais na formação da criança. Esta fase é a base do desenvolvimento emocional, cooperativo e afetivo.

Diante de todo esse contexto era necessário que entendesse a criança dentro de seu período de desenvolvimento, era comum, por exemplo, atitudes egoístas: “isso é meu”, “ela é só minha amiga” sendo importante saber lidar com estas situações para encontrar soluções para os impasses que surgiam. Por isso era preciso conhecer a criança, perceber suas necessidades e ainda conseguir utilizar todo o potencial desta fase, como já fora citado na fundamentação deste trabalho. É claro, que não há uma regra ou característica única para a fase dos quatro anos, mas existiam, neste ambiente, crianças que buscavam se apoiar e perceber um conceito. Segundo Piaget, o fato de não se apoiarem apenas em percepções faz com que estejamos diante de uma criança pensante que já não é apenas sensório-motora.

Houve durante a prática do estágio uma situação em que a necessidade de embasamento teórico no período em que as crianças estavam, foi notória. Este acontecimento ocorre na semana sete durante uma atividade em que trabalhei o tema “Higiene”. A atividade consistia em dar banho em uma boneca¹. Além, é claro, de que não queriam dividir a atividade para dar espaço a outro colega; também foi notável a ideia da necessidade de higiene que toda turma tirou daquela prática. Neste momento percebi o resultado da prática lúdica na aprendizagem.

Era preciso oportunizar a socialização dos conhecimentos, saindo da centralização. Segundo Piaget é este caminho, além da tomada de consciência, que a criança precisa nesta fase. O lúdico se tornou nesta situação uma maneira prazerosa de guiá-los durante minha prática. Uma das atividades que melhor evidencia esse envolvimento lúdico aconteceu no tema meio ambiente trabalhado na semana de número 8 do Estágio. Nessa atividade as crianças aprenderam a separar o lixo, após, observar o meio em que estavam. Quando fomos até um local público (ruas) fazer esta observação e limpeza do ambiente, ficou evidente a vontade que as crianças tinham em recolher o lixo que estava rolando, de apontar o que, segundo eles, haviam visto em aula.

Houve nessa atividade um resultado muito gratificante devido a conscientização ambiental que as crianças adquiriram. O lúdico estava presente contribuindo de forma direta na educação daquelas crianças, pois havíamos alcançado o objetivo: uma aprendizagem significativa, visto que foi entendida de acordo com o ambiente das crianças. Nas palavras de Negrine (2000) de atividades descontraídas e desobrigadas de toda e qualquer intencionalidade ou vontade alheia. Era a representação do lúdico na prática².

Os RCNEIS trazem uma visão bastante prática e interativa que norteiam o trabalho do professor de pré-escola que pudemos visualizar e comprovar. Trata-se da capacidade das crianças de terem confiança em si próprias e do fato de se sentirem aceitas, ouvidas, cuidadas e amadas, de efetuarem escolhas e assumirem pequenas responsabilidades, favorecendo, neste caso, a auto-estima essencial para que as crianças sintam-se confiantes e felizes (RCNEI, 1998, p. 11).

Enfatizo aqui a necessidade do jogo, da brincadeira em que a criança tem que agir diretamente, não aquele brinquedo que brinca pela criança, que se

¹ Ver apêndice 1 – Banho da boneca

² Ver apêndice – Trabalhando com sucata

movimenta sem que ela escolha, ou apenas toque um botão para que isso aconteça. A brincadeira que faz com que a criança tenha crescimento globalizado, no sentido de que vai desenvolver seu cognitivo, sua motricidade, seu convívio social. Brincadeiras típicas de crianças, como pular corda, esconde-esconde, amarelinha³, caçador, seu lobo está pronto. E é desta que vou fazer uso para ilustrar a importância da brincadeira no aprendizado lúdico da criança de quatro anos.

Percebi o quanto aumentou o senso de proteção, no momento em que a roda de alunos se organizava para circularem o lobo, e isso não acontecia apenas na brincadeira, mas a brincadeira em si proporcionava todo o envolvimento de uns com os outros, que mais tarde era sentido em sala de aula. É como se eles conseguissem ficar “mais amigos” no momento em que vivenciavam experiências lúdicas, emocionantes, juntos.

Há também que se referir ao progresso que percebi na motricidade da criança, principalmente nos movimentos corporais, com a brincadeira da Amarelinha e ao Pular Corda, atividades lúdicas que antes não eram praticadas pelas crianças. Na primeira vez que brincaram não havia nem sequer equilíbrio, com o passar do tempo as brincadeiras tornaram-se mais elaboradas e o desenvolvimento pode ser observado através da participação e do envolvimento de todos. Observando as regras dos jogos principalmente na escolha, é facilmente visto a aprendizagem dos alunos. Como nas palavras de Piaget: “conhecimento é construído durante a interação da criança com o mundo” (1975, p. 23).

Essa capacidade da criança, desenvolvida através de atividades motoras coletivas e lúdicas trouxeram muito mais do que momentos descontraídos. Foi facilmente vista a diferença também na linguagem ao ponto que a sistematização da experiência com as brincadeiras colaborou no desenvolvimento dos processos que estavam em andamento.

Quando proporciona-se para a criança a oportunidade de brincar ela reproduz situações do cotidiano, relembra, fazendo surgir novas possibilidades de interpretação, de reorganização e construção de sua realidade. Por outro lado, a criança assimila os dados que obtém, sejam eles numéricos, conceituais ou motores, exteriores e mais uma vez adapta estes dados à sua estrutura mental já existente, ou seja, temos aí uma acomodação, conforme a estrutura piagetiana

³ Ver apêndice 3 – Fotos Amarelinha

(assimilação e acomodação). Isso é percebido em diversas atividades⁴ quando a criança observa um colega fazendo, interagindo com uma brincadeira (quando um sabia Amarelinha e outro não, por exemplo), logo ele procura imitá-lo, fazer da mesma forma, ao mesmo tempo em que aprende observando o exemplo, interage com ele, ou seja, assimila e acomoda.

3.1 A construção de brinquedos com materiais recicláveis

É importante que o educador no seu papel mediador, favoreça e valorize a autonomia da criança, planeje atividades lúdicas variadas e motivadoras, disponibilize espaços e materiais que permitam o desenvolvimento físico motor, emocional, cognitivo e social. Levando em consideração, de fato, que nem sempre as escolas disponibilizem os recursos necessários, é também importante que a criança valorize o material, interagindo sobre ele de forma construtiva.

Uma das aulas do meu estágio que ilustra bem este ponto de vista foi onde abordei o tema meio ambiente. Diz respeito a construção dos brinquedos com sucata, sendo que para esta construção foram envolvidas além dos alunos, as famílias, através da arrecadação e classificação do material coletado, confeccionamos brinquedos como: bilboquês, bonecas, carrinhos, bolas, jogo da memória, além de uma maquete representando a sala de aula construída na sexta semana.

O uso desse material reciclável permite que a criança desenvolva sua criatividade, a coordenação motora, a interação com os colegas, a imaginação e o senso estético, além da satisfação de brincar com o brinquedo construído por ela⁵.

Na fundamentação teórica deste trabalho foi colocado que é necessário perceber as necessidades que as nossas crianças têm e também conseguir utilizar toda a riqueza da fase em que se encontram, penso que essa atividade conseguiu alcançar este objetivo. Trabalhamos de maneira lúdica, envolvente buscando

⁴ Ver apêndice 4 – Atividades na pracinha

⁵ Ver apêndices 2 e 5 – Construção da maquete e brinquedos de sucatas

materiais não utilizáveis, descartáveis, mas que faziam parte do cotidiano destas crianças. Sem falar, é claro, que eles puderam agir sobre esta construção do brinquedo de forma que construíram conhecimentos e compreenderam além da consciência ambiental, a conscientização de valorizar aquilo que produzem e esta segundo Piaget é uma das grandes conquistas da criança no período pré-operatório: "Conhecer um objeto é agir sobre ele e transforma-lo" aprendemos os mecanismos dessa transformação, vinculados com ações transformadoras. "Conhecer é, pois, assimilar o real às estruturas de transformações". (PIAGET, 1976, p. 37).

As crianças conseguiram construir um conhecimento sólido de valorização das coisas, dos objetos que as rodeiam, sem falar que esta construção de interagir sobre o que produziram é transformadora, no sentido de perceber o que está ao seu redor e agir sobre ele.

É importante propor a reflexão sobre limites para que a criança saiba interferir no meio em que vive, desenvolvendo a auto-estima como algo que deva ser trabalhado, e neste caso, este trabalho se dá no contato da criança com o cotidiano social e escolar. "... o conhecimento é construído durante a interação da criança com o mundo". Esta fala de Piaget reforça a atividade narrada sobre a sucata, facilmente visualizada no momento em que a criança age sobre os objetos ocorrendo essa interação. A atividade lúdica é aqui uma ferramenta integradora no desenvolvimento do conhecimento, pois permite que a criança se expresse, logo é a forma que contribui significativamente para o desenvolvimento da cognição, da linguagem, da motricidade, da socialização da criança, e afirmo novamente de forma sentimental, ou seja, inesquecível.

3.2 O faz de conta na aprendizagem

Através do faz de conta a criança assimila as regras, manifesta a afetividade que recebe, atende a diversas características específicas desta fase de desenvolvimento e aprendizagem. O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil afirma que:

O brincar de faz de conta, por sua vez possibilita que as crianças reflitam sobre o seu mundo, ao brincar as crianças podem reconstruir elementos do mundo que as cerca com novos significados, novas relações. [...] na medida em que se desenvolve e sistematiza conhecimentos relativos a cultura, a criança constrói e reconstrói noções que favorecem mudanças no seu modo de compreender o mundo.” (RCNEI, volume 3, p. 171)

Diante disso, as contribuições do faz de conta, onde a criança experimenta diferentes papéis sociais e funções, a partir da observação do mundo dos adultos, na medida em que cresce, vai gradativamente desenvolvendo suas capacidades através da experiência, representando os conhecimentos sobre o meio em que vivência, levando a formação de conceitos. Nesta fase de desenvolvimento da criança, através de diferentes situações de convivência em contexto significativos, internaliza e compreende sua relação com o mundo social e cultural mediada pelo papel do professor.

A brincadeira é desta forma um espaço de aprendizagem onde a criança age além do seu comportamento habitual e do comportamento de sua idade, ela age como se fosse maior do que é na realidade, realizando simbolicamente o que mais tarde realizará na vida real. Quando brinca aprende a se subordinar às regras das situações que reconstrói imposta pela situação imaginária, desta forma, o brinquedo é uma das fontes de prazer.

Uma atividade que foi desenvolvida mais de uma vez durante o estágio, na sexta semana, foi a brincadeira intitulada “Seu Lobo”⁶, que consistia em uma brincadeira de roda em que uma das crianças no papel do lobo se dirige à roda e pergunta a que horas a criança que está dentro da roda sairá, o grupo de crianças dá o número de volta relativa ao número das horas, a roda também é a proteção da criança que sai para ser caçada pelo lobo. Cito essa brincadeira porque percebi que nela as crianças levavam muito a sério seus papéis e no momento em que brincavam e, por consequência, me fez entender suas necessidades. A forma singular de aprender de cada criança, sendo que no momento em que brincavam era como se o lobo representasse toda a descrição de um lobo mau de historinhas infantis, ou seja, as crianças já tinham uma ideia inicial de como o lobo agiria, logo era fácil se passar por ele, fazer de conta que era o lobo. Bem como o instinto protetor ficava bastante aflorado, pois existia nos componentes da roda uma torcida

⁶ Ver apêndice 6: Fotos da brincadeira “Seu Lobo”

muito grande para que a caça (criança) conseguisse entrar na roda, local onde o lobo não tinha acesso.

Criou-se aqui uma situação imaginária, onde a regras que se formulam, e que por causa do jogo foram facilmente desenvolvidas. A consequência de tudo isso é a formação das regras de conduta que, é claro, vão fazer parte da formação da criança como ser social. Quando se proporciona a criança a oportunidade de brincar, de fazer de conta, dá-se a ela a chance de reproduzir situações do cotidiano⁷, de relembra-la e de surgir novas possibilidades de interpretação e de reorganização de sua realidade, podemos ilustrar facilmente isto na fala de Vygotsky, já citada na fundamentação teórica “A criança avança essencialmente através da atividade lúdica. Somente neste sentido pode-se considerar o brinquedo como uma atividade condutora que determina a evolução da criança”. (VYGOTSKY, 1984, p. 156).

Outra atividade em que isso pode ser percebido foi na nona semana, durante o momento em que a partir da historinha contada em sala de aula “O sanduíche da Maricota” que conta a história de animais que colaboraram para a elaboração de um sanduíche, a historinha procurou trabalhar a importância da boa alimentação, bem como o espírito de colaboração. Foi feito um sanduíche com ajuda e participação de todas as crianças, onde cada uma delas contribuiu na organização e no preparo dos alimentos. Após a organização o sanduíche foi servido em forma de *buffet* e as crianças puderam escolher aquilo que lhes agradava.

Esta atividade lúdica apresentou diversos aspectos importantes primeiro a possibilidade de refletir sobre aquilo que gostavam, percebi que muitas crianças não tinham nem mesmo noção se gostavam ou não de determinado ingrediente, e essa interação direta nas suas escolhas contribui na mudança de seu jeito de compreender o mundo, além dos aspectos de higiene e de alimentação saudável introduzidos nas atividades realizadas durante a semana em que abordamos o tema “alimentação”. Outro ponto notável foi de se sentirem importantes por estarem fazendo e escolhendo sua própria refeição, a comida aqui não era mais só de “mentirinha” era, pois, necessário saber o que e como queriam, pois desta vez iriam degustar o que haviam planejado e escolhido.

A noção de realidade unida ao faz de conta ocorreu no momento em que colocaram os aventais⁸, lavaram as mãos e começaram a perceber os alimentos de

⁷ Ver apêndice 7: Fotos de brincadeiras de faz de conta

⁸ Ver apêndice 8: Fotos semana da alimentação

verdade. Diante disso, a atividade lúdica deu-se como um espaço de aprendizagem como ação direta no seu cotidiano. Foi uma atividade conduzida também por regras, que precisou ser bem organizada e ainda teve seu auge no momento em que provaram e perceberam o resultado, alguns entenderam que já podiam cozinhar e se sentiram capazes, interagindo de forma lúdica.

A ludicidade com foco no faz de conta deu-se também nas atividades de brincadeiras livres, naqueles momentos em que as crianças utilizavam-se dos brinquedos da sala de aula ou na rua para brincarem sem a interferência do professor.

Durante estas atividades pode ser percebida facilmente a noção do faz de conta, e isso acontecia sempre, inclusive no dia do brinquedo livre. Tanto brincando de casinha, fazendo de conta que eram papai, mamãe, filhinha, como brincando de maquiagem, de polícia e ladrão, ou ainda de fazendinha. As crianças sempre criavam na brincadeira uma situação imaginária, quase sempre voltada para aquilo que vivenciavam na realidade. A partir desta situação interagiam e viviam os personagens, criando suas próprias regras, que por sua vez eram facilmente absorvidas. Acontecia novamente a formação de regras de conduta por intermédio da interação social.

Uns aprendiam com os outros dentro da própria convivência e do “faz de conta” criado por eles mesmos. Bastava dar oportunidade de brincar, de imitar e de reproduzir para que esses momentos se tornassem mágicos como uma fonte rica de aprendizagem e de descentralização. As atividades condutoras que segundo Vygotsky cria a zona de desenvolvimento proximal são proporcionadas através de novas maneiras de entender sua realidade de forma independente.

4 ÚLTIMAS PALAVRAS: MARCAS DO VIVIDO

A ideia inicial que deu origem e motivou este trabalho, relaciona-se diretamente com o dia-a-dia em sala de aula especificamente na Educação Infantil com crianças de quatro anos. Partiu-se da prática de estágio que era parte avaliadora do curso, para posteriormente refletir sobre as atividades que nortearam este estágio, bem como a realidade vivida e observada da criança e da sua formação.

Repensar as concepções que giram em torno das crianças e das infâncias para refletir acerca da prática e assim ampliar os horizontes sobre a criança possibilitando uma rotina na educação infantil mais aberta, onde as crianças sejam ouvidas e passem a ser protagonistas na construção de suas histórias.

A educação infantil é uma fase importante na construção de sua personalidade através de suas vivências, pois o brincar é indispensável a criança, uma vez que favorece seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor e social. Através da brincadeira ela pode expressar-se vivenciando situações complexas. Durante estas atividades as crianças investigam, formulam hipóteses e regras, constroem e (re) constroem outras e, assim, vão formando o seu aspecto moral e sobre tudo contribuindo na construção do processo de ensino aprendizagem de forma lúdica.

Essencial, porém, é levar em consideração um estilo de prática pedagógica que favoreça o aprendizado a partir do conhecimento prévio dos alunos, através da interação com o meio, com os objetos cognocentes, auxiliando-os no desenvolvimento e construção de aprendizagens através do respeito mútuo, das trocas, da cooperação aprendendo conteúdos, por meio de procedimentos que desenvolvam a capacidade de aprender num processo construtivo.

Portanto, a importância do lúdico na aprendizagem viabilizando a construção do conhecimento de uma forma prazerosa, onde a criança participa ativamente nos diferentes momentos vivenciados no ambiente escolar de acordo com suas características, sua faixa etária, conforme seus interesses e possibilidades. Assim, é necessária a influência e a capacidade do professor em trabalhar de forma lúdica para que a criança se desenvolva, aprendendo conteúdos inerentes a sua faixa

etária, mas assimilando-os através de jogos, de brincadeiras, da formação de regras.

A ludicidade vem ser aqui uma forma de ensinar, e um ponto muito importante a ser destacado: o educador precisa ser consciente de sua prática, precisa saber o que faz e para que está fazendo com objetivos precisos que sejam alcançados de forma intencional buscando desenvolver esta criança de forma abrangente.

Foi pensando neste contexto que procurei entender a razão pela qual as atividades lúdicas tinham de certa forma, um efeito acentuado na vivência e na aprendizagem dos alunos.

Tendo como base a teoria Piagetiana sobre os estágios do desenvolvimento, procurei conhecer a criança na qual minha prática estava inserida e, a partir daí, perceber o quanto é importante para o educador entender a fase em que a criança se encontra, para melhor conduzir seu planejamento, suas atividades, seus objetivos. Continuando na mesma linha de pensamento e ainda utilizando-me de Piaget, procurei juntamente com outros autores como Vygotsky e o próprio RCNEI, entender como as atividades lúdicas podiam ajudar no desenvolvimento das crianças.

Entendendo como é a criança em determinada idade, visualizando a prática lúdica e objetivando as atividades, pude compreender que um dos pontos fundamentais estava em envolver a criança considerando sua vivência social, bem como conseguir usar toda essa sede de aprendizagem e mantê-las em tarefas que fossem dinâmicas, diferentes, imaginárias e que necessitassem de algum tipo de emoção, gerando expectativa. Por exemplo, em um jogo, nas histórias, nas diferentes brincadeiras, nas aulas passeio...

Outro aspecto relevante observado foi o faz de conta, pois para a criança o fazer de conta era o jeito de evidenciar seu desenvolvimento. Logo, procurei entender toda essa necessidade de imaginar e com Bettelheim obtive entendimento, percebendo que imaginando a criança ensaia ser maior do que é e assim se desenvolve ideia essa também citada por Vygotsky.

Por fim, além da busca para um melhor entendimento da minha prática e conhecimento sobre o Lúdico na Educação Infantil e a compreensão de como se dá este processo, pude ajudar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças de quatro anos, alcancei uma profunda transformação em minhas concepções e conceitos. Hoje vejo o brincar como uma necessidade primordial que pode ser

dirigida e livre no sentido da autonomia da criança, objetivada dentro daquilo que o professor deseja alcançar, entendendo é claro, a criança, seus conhecimentos prévios e percebendo o aluno como um ser dentro da própria visão social dele, de acordo com a sua personalidade e singularidade.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da infância e da família**. 2ed. Rio de Janeiro: L.T.C, 1981.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. Rio de Janeiro : Campus, 1988.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Política da Educação Fundamental – Coordenação Geral de educação Infantil / **Referencial Curriculares nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei n.º 8.069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

BUJES. Disponível no link

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf

Acessado em 16 de setembro de 2010

CAILLOIS. Práticas Lúdicas Fundamentais. Disponível no link

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc_de_ludico.html acessado em 10 de dezembro de 2010.

FREINET. Práticas Lúdicas Fundamentais. Disponível no link

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc_de_ludico.html acessado em 31 de agosto de 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NEGRINE. Disponível no link

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc_de_ludico.html acessado em 31 de agosto de 2010.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** São Paulo: Difusão, 1986.

PIAGET, J. **A construção real na criança.** São Paulo : 3º ed. Reimprimir, Ática, 2003.

_____, J. **A formação do símbolo na criança.** 3º ed. Editora LTC, Rio de Janeiro, 1990.

Plano Nacional de Educação. Disponível no link

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf> acessado em 05 de outubro de 2010.

SÁ, Neusa Maria Carlan. **Conceito de jogo – brinquedo – brincadeira.** Disponível no link

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/ludicidade_turma_u/conc_de_jogo.html acessado em 31 de agosto de 2010.

SEBER, Maria da Glória. **Piaget o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio.** São Paulo: Scipione, 1997.

_____, Maria da Glória. **Construção da inteligência pela criança.** Scipione, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo : Martins Fontes, 1984.

_____, L.S. **Pensamento e linguagem.** Rio de Janeiro : Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE

Apêndice 01 – Banho da boneca



Fonte: Do autor

Apêndice 02 – Trabalhando com sucata



Fonte: Do autor

Apêndice 03 – Fotos Amarelinha



Fonte: Do autor

Apêndice 04 - Atividades na pracinha



Fonte: Do autor

Apêndice 05 – Brinquedos de sucata



Fonte: Do autor

Apêndice 06 - Fotos da brincadeira “Seu Lobo”



Fonte: Do autor

Apêndice 07 - Fotos de brincadeiras de faz de conta



Fonte: Do autor

Apêndice 8: Fotos semana da alimentação



Fonte: Do autor